

**EM BUSCA DOS PRECURSORES
DA GEOLINGUÍSTICA MINEIRA: O CALÃO MINEIRO,
DE NELSON DE SENNA E O DICIONÁRIO BRASÍLICO-MINEIRO,
DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS**

César Nardelli Cambraia (UFMG)

nardelli@ufmg.br

Gabrielle Venâncio Ruas Polizer (UFMG)

gabriellevenancioruas@hotmail.com

RESUMO

Abordam-se, no presente estudo, duas obras que podem ser consideradas como marcos para os estudos geolinguísticos referentes a Minas Gerais: (i) *O Calão Mineiro*, de Nelson de Senna, que constitui um conjunto de textos, em parte publicados e em parte preservados em manuscrito autógrafo no IGHB (Cx.01d.042), produzidos entre 1896 e 1906; e (ii) o *Dicionário Brasílico-Mineiro*, da Academia Mineira de Letras, que consiste em um conjunto de textos de três autores (Carlos Góes, Lindolpho Gomes e José Francisco Lopes Neves), publicados no ano de 1911. Argumenta-se em favor da adoção da data de publicação do primeiro texto de Senna sobre o tema – o ano de 1896 – como marco de referência para o início dos referidos estudos.

Palavras-chave:

Dialetolegia. Geolinguística. Minas Gerais.

ABSTRACT

This study addresses two works that can be considered landmarks for geolinguistic studies related to Minas Gerais: (i) *O Calão Mineiro* by Nelson de Senna, which constitutes a set of texts, partly published and partly preserved in autograph manuscript at the IGHB (Cx.01d.042), produced between 1896 and 1906; and (ii) the *Dicionário Brasílico-Mineiro* by the Academia Mineira de Letras, which consists of a set of texts by three authors (Carlos Góes, Lindolpho Gomes and José Francisco Lopes Neves), published in 1911. The argument is made in favor of adopting the date of publication of Senna's first text on the subject – the year 1896 – as a referente landmark for the beginning of the aforementioned studies.

Keywords:

Dialectology. Geolinguistics. Minas Gerais.

1. Introdução

Desde o florescimento dos estudos geolinguísticos (ou, mais tradicionalmente, dialetológicos) mais sistemáticos em fins do séc. XIX, grande esforço tem sido realizado não apenas para registrar a diversidade linguística diatópica contemporânea, mas também para recuperar a documentação que a registrou no passado.

Essa recuperação tem sido otimizada modernamente pelo amplo processo de digitalização de documentos, manuscritos e impressos, operado pelas mais diversas instituições de preservação da memória cultural, como é o caso da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e sua *Hemeroteca Digital Brasileira*, uma extraordinária base digital de periódicos publicados no Brasil, sobretudo nos séculos XIX e XX.

É justamente em função desse amplo processo de digitalização que foi possível conhecer documentos de grande importância para a recuperação da história dos primórdios da geolinguística mineira: trata-se d’*O Calão Mineiro* de Nelson de Senna e do *Dicionário Brasílico-Mineiro* da Academia Mineira de Letras.

2. Periodização dos estudos geolinguísticos no Brasil e em Minas Gerais

Segundo Mota e Cardoso (2006), a história dos estudos dialetais no Brasil se divide em quatro fases:

a) *1ª fase* (1826–1920), iniciada com a divulgação de informações sobre as diferenças entre o português lusitano e o brasileiro fornecidas pelo baiano Domingos Borges de Barros (1780–1855), o Visconde da Pedra Branca, e publicadas às págs. 172 a 175 do primeiro tomo da *Introduction à l’Atlas Ethnographique du Globe* de Adrien Balbi (1826);

b) *2ª fase* (1920–1952), iniciada com a publicação d’*O Dialecto Caiçara* (1920), de Amadeu Amaral, e d’*O Linguajar Carioca em 1922* (1923), de Antenor Nascentes;

c) *3ª fase* (1952–1996), iniciada com a publicação do Decreto Federal nº 30.643, de 20 de março de 1952, que efetivava a criação do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, cuja Comissão de Filologia tinha como “finalidade principal a elaboração do ‘Atlas Lingüístico do Brasil’”; e

d) *4ª fase* (1996 em diante), iniciada com a instituição do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

Lançando o olhar especificamente para os estudos do português falado em Minas Gerais, Amaral e Santos (2016) dividiram sua história em três fases:

a) *1ª fase* (1889-1937), iniciada pela data da proclamação da República e conversão da Província de Minas Gerais no Estado de Minas Gerais, eleita pelos pesquisadores “[n]a ausência de uma obra significativa que tenha se ocupado da descrição do português oral de Minas Gerais” (Amaral; Santos, 2016, p. 1178);

b) 2ª fase (1938-1976), iniciada pela publicação do artigo *O falar mineiro* (1938) por José Aparecido Teixeira;

c) 3ª fase (1977-2014), iniciada pela publicação do 1º volume do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (1977) por José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio, e com encerramento 2014, que seria a data de realização da pesquisa que deu origem à publicação de Amaral e Santos (2016).

Para o presente trabalho, importa considerar as fases iniciais dessas divisões.

Em trabalho prévio sobre a historiografia dos estudos dialetais no Brasil, Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que a 1ª fase (1826–1920) se caracteriza pela produção de trabalhos voltados, essencialmente, para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil, do qual resultaram diversos dicionários, vocabulários e léxicos regionais. No que se refere a Minas Gerais, apenas a obra de P. H. Souza-Pinto (1912) das listadas por Ferreira e Cardoso (1994) tem seu foco nesse estado. Essa publicação é um breve artigo com uma lista de 134 itens lexicais e locuções verbais que o autor esclarece ter ouvido “pela primeira vêz na gléba de Tiradentes e de Theophilo Ottoni” (Souza-Pinto, 1912, p. 418).

Amaral e Santos (2016), por sua vez, esclarecem que a 1ª fase (1889-1937) de sua divisão se caracteriza especialmente pela inclusão de breves notas dialetais em gramáticas e citam como exemplos duas obras com informação desse teor – *Noções de Grammatica Portugueza* (1887), de Pachedo da Silva Jr. e Lameira de Andrade, e *Grammatica Expositiva* (1907), de Carlos Eduardo Pereira (em ambos os casos, em seção relativa a brasileirismos).

Como se vê, em nenhum desses dois estudos historiográficos há menção às publicações de Nelson de Senna intituladas *O Calão Mineiro*, vindas a lume entre 1896 e 1906, nem tampouco às do *Dicionário Brasílico-Mineiro*, realizadas no ano de 1911. Trata-se de publicações importantes do ponto de vista historiográfico, (a) porque precedem à de Souza-Pinto (1912), única citada por Ferreira e Cardoso (1994) com referência a Minas Gerais na 1ª fase de sua divisão, e (b) porque não consistem apenas em notas dialetais em gramáticas, como os casos citados por Amaral e Santos (2016) para sua 1ª fase dos estudos do português falado em Minas Gerais, mas sim ricos inventários com registro de formas empregadas nessa região.

3. *O Calão Mineiro, de Nelson de Senna*

Nelson Coelho de Senna nasceu em 11 de outubro de 1876 na Cidade do Serro Frio (MG), atual Cidade do Serro, e faleceu em 2 de junho de 1952 na Cidade de Belo Horizonte (MG). Em abril de 1896, após aprovação em concurso, foi nomeado professor de História Geral e do Brasil no Ginásio Mineiro em Ouro Preto, sucedendo nesta cátedra a Afonso Arinos, e, em novembro de 1897, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais na mesma cidade. Ao longo de sua vida, transitou por diversos campos de atuação: foi escritor, jornalista, advogado, professor, pesquisador, acadêmico e parlamentar¹. Foi redator e colaborador de diversos periódicos e publicou um grande número de textos (artigos e livros) versando sobre temas bastante diversificados, como língua, literatura, história e geografia.

O Calão Mineiro é o título que consta na capa de um caderno com textos manuscritos autógrafos de Nelson de Senna atualmente pertencente ao acervo Theodoro Fernandes Sampaio do Instituto Histórico-Geográfico da Bahia (IHGB), com a cota cx.01d.042². As unidades textuais, em número de doze, são chamadas pelo autor de *Recortes* e quase todas aparecem com datação ao final: 1^a, “Bello Horizonte, Março de 99”; 2^a a 6^a, “Março de 99”; 7^a, “Abril 1904”; 8^a, “Bello Horizonte, 1904”; 11^a, “1905”; e 12^a, “Bello Horizonte – Maio 905”. O autor informa, no entanto, no 9º texto, que “[j]á desde 1895, ha dez annos, que pelas columnas do Estado de Minas, um bello semanario ouropretano, começámos a publicar termos e locuções peculiares ao dizer habitual do nosso povo” e ainda, no 1º, que “[r]eeditámos agora parte destes artigos, que publicámos, em 1899, no ‘Jornal do Commercio’ – de Juis-de-Fóra e (...) inteiramente refundidos e augmentados de alguns inéditos”.

Não foi possível identificar quantos textos sobre o tema foram efetivamente produzidos e publicados, mas puderam-se localizar alguns. Um primeiro texto sobre o tema, também intitulado *O Calão Mineiro* foi publicado na edição de 10 de junho de 1896 do jornal ouropretano *O Estado de Minas* (p. 3)³. Outro veio a lume na edição de 1903 do *Almanach Popular Brasileiro* (p. 99-101)⁴, de Pelotas, aparecendo republicado com o título de *Vocabulario Caipira no Anuario de Minas Geraes* (p. 407-8)⁵, editado pelo

¹ Para dados biográficos mais ricos, cf. Monteiro (1994, v. 2, p. 628-629).

² Disponível em: <http://www.ighb.servclt.com.br/phl83/dadosexternos/arqpdf/cx.01d.042.pdf>.

³ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/305367/982>.

⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/829684/715>.

⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/212679/407>.

próprio Senna e impresso em 28 de março de 1906. Por fim, o conteúdo dos seis primeiros recortes foi publicado, de forma retextualizada, no artigo *O Calão Mineiro* divulgado no já referido *Anuario de Minas Geraes* de 1906 (p. 468-73)⁶.

Apesar de o termo *calão* ter sido empregado com diversos significados no passado (Coelho, 1892), é possível inferir que Nelson de Senna o empregou na expressão *calão mineiro* para designar a variedade da língua portuguesa em uso no Estado de Minas Gerais naquela época, provavelmente considerando a modalidade oral, no estilo informal, falada por pessoas com atividade não ligada à língua escrita, ou, nas suas palavras no texto de 1896, a variedade peculiar à “nossa gente rustica, do sertão e centro norte-mineiros” (Senna, 1896, p. 3).

Esses textos (a versão manuscrita do caderno atualmente no IHGB e sua versão impressa parcial, e também os dois outros textos publicados em periódicos) fornecem um conjunto riquíssimo de informações sobre aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos e lexicais do português falado em Minas Gerais⁷. Um estudo completo sobre todos esses dados está em fase finalização, mas apresentam-se aqui alguns exemplos para evidenciar a sua riqueza.

Como exemplo de dados referentes ao nível fonológico registrados por Senna, podem-se citar *áio* (< *alho*), *barúio* (< *barulho*), *canáia* (< *cana-lha*), *cartia* ~ *cartía* ~ *cartía* (< *cartilha*), *cuié* ~ *cuiè* ~ *cuiér* ~ *cuièr* (< *colher*), *fio* ~ *fíio* (< *filho*), *fôia* (< *folha*), *fuinha* (< *folhinha*), *mio* ~ *mío* ~ *mîo* (< *milho*), *mió* ~ *miò* (< *melhor*), *muié* ~ *muiè* ~ *muiér* ~ *muièr* (< *mulher*) e *quartio* ~ *quartío* ~ *quartío* (< *quartilho*). Todos eles documentam o processo de iodização de lateral palatal, que pode ser considerado uma deriva românica, já que ocorreu em épocas pretéritas e ocorre ainda hoje em certas línguas românicas, como, p. ex., o romeno, o francês, o espanhol e o catalão (Lausberg, 1981, p. 211). Mesmo no português, é de origem antiquíssima, já que se encontra atestado na fala de personagens dos autos de Gil Vicente na 1ª metade do séc. XVI (Teyssier, 1959, p. 246). Teixeira (1938, p. 27) atesta o fenômeno no português falado em Minas Gerais na época de sua pesquisa (“*famya, fya, myo, foya, muyé, cuyé, moyá, oyá, atrapayá, trabayá*”) no que chama de “pronúncia inculta”. Os dados de Senna permitem recuar o registro

⁶ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/212679/469>.

⁷ Mesmo depois dessa época, Senna levou adiante sua atividade de registro de formas linguísticas não apenas mineiras mas também brasileiras: há atualmente, no APCBH, vários cadernos manuscritos, datados na sua maioria de princípios da década de 1930 e já digitalizados pela instituição, com referência ao “vocabulário brasileiro”, com uma grande quantidade de formas e definições, incluindo parte das que constavam da série *O Calão Mineiro*.

do fenômeno em terras mineiras para praticamente quarenta anos antes do registro de Teixeira.

Como exemplo de dados referentes ao nível morfológico registrados por Senna, que são bastante poucos, pode-se citar o emprego da forma *havé-ra* (mais-que-perfeito) [na grafia adotada por Senna] no lugar de *havia* (im-perfeito) e de *haveria* (futuro do pretérito). Trata-se de uma forma analógica de mais-que-perfeito (*vender : vendera :: haver : haveria* [no lugar de *houve-ra*]). Embora Teixeira (1938, p. 30-31) assinale a ação intensa da analogia nas flexões verbais no português de Minas, informa que o mais-que-perfeito não era usado, senão em frases feitas como *tomára pudê cumigo*, tal como foi atestado no nordeste por Marroquim (1934, p. 117). Essa afirmação é compatível com o fato sabido de as formas simples de mais-que-perfeito terem caído em desuso no português brasileiro falado informal. Por isso, causa bastante surpresa a atestação do uso de uma forma de mais-que-perfeito por Senna: quiçá tenha sido também em uma frase feita, que, no entanto, não foi integralmente informada.

Como exemplo de dados referentes aos níveis semântico e lexical registrados por Senna, que são a grande maioria, podem-se citar dois, já com o tratamento lexicográfico que se lhes está dispensando⁸:

lanhado, *adj.* – homem valente; atrevido, ousado. ▪ REGISTRO: *lanhádo* [C1, C2]. ▪ DICIONÁRIOS: Vocábulo ausente de Bluteau (1716, v. 5, p. 3580), Silva (1789, v. 2, p. 1015) e Biderman e Murakawa (2021), mas presente em Ferreira (1999, p. 1186) e Houaiss e Villar (2009, p. 1155). A acepção referida por Senna está ausente destas duas obras. ▪ ETIMOLOGIA: part. de *lanhar* segundo Ferreira e *laniãtus*, *a*, *um*, que é part. do verbo latino *laniãre* “rasgar, dilacerar, lanhar”, segundo Houaiss e Villar; 1ª atestação do vocábulo em 1836 segundo Houaiss e Villar. ▪ Cf. tb. *buta*, *caboclo catingueiro*, *cabra*, *cabra distorcido*, *cravanista*, *durázio*, *estorado*, *onça*, *turuna*, *tebas* e *teso*.

inventadeira, *adj.* – pessoa intrigante. ▪ REGISTRO: *inventadeira* [R7]. ▪ DICIONÁRIOS: Vocábulo ausente de Bluteau (1713, v. 4, p. 3417), Silva (1789, v. 2, p. 989), Biderman e Murakawa (2021), Ferreira (1999, p. 1132) e Houaiss e Villar (2009, p. 1104). ▪ ETIMOLOGIA: *inventar* + *-deira*. ▪ Cf. tb. *candogueira*; *leva* e *traz*.

O primeiro item é exemplo de fato semântico porque se trata de forma atestada em época anterior aos textos de Senna, mas, nestes, aparece com uma acepção diferente: Ferreira (1999, p. 1186) apresenta, para este item, acepções como as de “golpeado” e “cortado” e também, por extensão, as de “amargurado” e “magoado”; e Houaiss e Villar (2009, p. 1155), como as de “golpeado” e “cortado” e também, por extensão, as de “vexado” e “afligido”. Pode-se aventar a hipótese de que a acepção de “valente” decorra de uma

⁸ C1 = *O Calão Mineiro*, 1896; C2 = *O Calão Mineiro*, 1903; R7 = *Recorte nº 7*, 1904.

intepretação de que se trata de pessoa que, mesmo golpeada, não tenha sucumbido e, por isso, é vista como valente.

O segundo item é exemplo de fato lexical porque se trata de forma não atestada nos dicionários consultados. *Inventadeira* é um substantivo feminino formado por derivação sufixal que expressa a ideia de “pessoa que inventa muito”, mais especificamente, “pessoa que inventa muita intriga”. O sufixo *-deira* tem um amplo espectro de acepções associadas, mas aqui se trata da acepção com matiz pejorativo de fazer em excesso, como em *faladeira* (RIO-TORTO; RENCA, 2007).

4. O Dicionário Brasílico-Mineiro, da Academia Mineira de Letras

A Academia Mineira de Letras (AML) foi fundada em 25 de dezembro de 1909 em Juiz de Fora e instalada na mesma cidade em 13 de maio de 1910. Nos seus estatutos, publicados no jornal *Minas Geraes* dos dias 7 a 10 de fevereiro de 1910, constavam os seguintes itens dentre os do artigo 27:

k) organizar um dicionario bibliographico e outro de vocabularios regionais; (...)

m) organizar um dicionario e uma grammatica da Academia, procurando para realização de tão complexa, melindrosa e alevantada obra, a mais criteriosa cohesão de vistas com as Academias do paiz, acceitando, e solicitando mesmo, a collaboração dos homens de reconhecido saber, de todos os pontos do territorio nacional; (...). (AML, 1910, p. 7-8)

Na edição de 23 de agosto de 1910 do jornal juiz-de-forano *O Pharol* (p. 1)⁹, já se tinha dado notícia de que, em reunião da AML de dois dias antes, o acadêmico Carlos Góes tinha entregado o plano do *Dicionário Brasílico-Mineiro* (DBM) para estudo da respectiva comissão.

Segundo o relatório do primeiro ano de atividades da AML, datado de 25 de dezembro de 1910 e publicado no *Anuario* de Senna de 1911¹⁰, houve reconsideração dos objetivos por recomendação do relator, o acadêmico Carlos Góes:

Dicionario

De conformidade com a letra k, do art. 27 das disposições geraes, a Academia nomeou uma comissão para estudar e apresentar as bases para elaboração do dicionario bibliographico.

A comissão consta de quatro membros, que são os nossos dignos confrades: Costa Sena, Carlos Góes, João Massena e Brant Horta.

A mesma comissão escolheu para relator do projecto o nosso confrade Carlos Góes, que apresentou o plano approved por seos collegas.

⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/26867>.

¹⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/212679/665>.

Em vez de um dicionário da língua portuguesa, trabalho que de preferência deve ser iniciado pela doutíssima Academia Brasileira de Letras, aquele nosso illustre confrade opinou pela criação de um « Dicionário Brasílico Mineiro », compreendendo as 7 secções seguintes :

- a) O provincialismo ou dialecto regional;
- b) O folk-lore;
- c) A historia mineira;
- d) A chorographia mineira;
- e) A flora mineira ;
- f) A fauna mineira ;
- g) A geologia mineira.

A este plano, que vae ser discutido e votado em próxima sessão, o secretario geral propoz, por inspiração do relator, mais uma secção :

- h) A ethnographia mineira. (SENNÁ, 1911, p. 126-127)

Não há registro de que esse projeto do DBM tenha sido efetivamente realizado, mas publicaram-se, nos jornais *Minas Geraes* e *O Pharol*, breves textos com contribuições para o referido dicionário. São eles:

- a) GÓES, Carlos. Dicionario brasílico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 e 25 de abril de 1911, ano XX, n. 93, p. 4¹¹;
- b) GOMES, Lindolpho. Dicionario brasil[ic]o-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30 de abril de 1911, ano XLVI, n. 101, p. 1¹²;
- c) GOMES, Lindolpho. Dicionario brasílico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 2 de maio de 1911, ano XLVI, n. 103, p. 1¹³;
- d) GOMES, Lindolpho. Dicionario brasílico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 4 de maio de 1911, ano XLVI, n. 104, p. 1¹⁴;
- e) GOMES, Lindolpho. Dicionario brasílico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 5 de maio de 1911, ano XLVI, n. 105, p. 1¹⁵;
- f) GÓES, Carlos. Dicionario brasílico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de maio de 1911, ano XX, n. 111, p. 1-2¹⁶;
- g) GOMES, Lindolpho. Dicionario brasílico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 14 de maio de 1911, ano XLVI, n. 113, p. 2¹⁷;

¹¹ Disponível em:

https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br//diarioOficial/1911/04/25/jornal//MG_1911-04-25%200004.JPG.

¹² Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27761>.

¹³ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27769>.

¹⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27773>.

¹⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27777>.

¹⁶ Disponível em:

https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br//diarioOficial/1911/05/14/jornal//MG_1911-05-14%200001.JPG.

- h) GÓES, Carlos. Dicionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 29 e 30 de maio de 1911, ano XX, n. 124, p. 4-5¹⁸; e
- i) LOPES NEVES, [José Francisco]. O calão: organização do dicionario brazilico-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 15 de julho de 1911, ano XLVI, n. 166, p. 1-2¹⁹.

Essas contribuições visavam a atender aos ditos “vocabularios regionaes” do item *k* do artigo 27 dos estatutos da AML. Orientações metodológicas foram dadas por Góes no seu primeiro texto:

[...] é livre a qualquer de seus membros ir desde já apresentando as suas contribuições que serão mais tarde recolhidas e compendiadas para formar o lexicon dialectal e regional de todo o Estado. Essas contribuições devem ter por fonte obras já publicadas de auctores brasileiros, pouco se dando que sejam ou não mineiros, comtanto que mineiros sejam o scenario, o habitat, o meio, o typo ou o motivo. (GÓES, 1911, p. 4)

Por um lado, percebe-se uma preocupação empírica salutar de se lidar com dados de fonte conhecida e verificável (“obras já publicadas de auctores brasileiros”), mas, por outro, restringiam-se os registros à língua escrita (“publicadas”) e, surpreendentemente, admitiam-se dados de autores que não fossem naturais de Minas Gerais (“pouco se dando que sejam ou não mineiros, comtanto que mineiros sejam o scenario, o *habitat*, o meio, o typo ou o motivo”)²⁰. Góes coletou seus dados das seguintes obras: *Memorias do Districto Diamantino* (1868) e *Acaiaca* (1894) de Joaquim Felício dos Santos (1828-1895), nascido na Cidade do Serro (MG); *Inocência* (1872) de Alfredo Taunay (1843-1899), nascido na Cidade do Rio de Janeiro (RJ); *José Miguel* (1911) de Aldo Delfino (1872-1945), nascido na Cidade do Rio de Janeiro (RJ); *Pelo Sertão* (1898), de Afonso Arinos (1870-1943), nascido em Paracatu (MG), e *A Carne* (1888) de Júlio Ribeiro (1845-1890), nascido em Sabará (MG). Gomes coletou de: *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos; *Aquarellas* (1893) de Olímpio de Araújo (1860-1923), nascido em Rio Novo (MG); e *Costumes Sertanejos* (1906) de Gilberto de Alencar (1886-1961), nascido em Palmira (MG), hoje Santos Dumont. No caso de Lopes Neves, são apresentadas frases com os itens de cada verbete sem identificação da fonte.

¹⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/27810>.

¹⁸ Disponível em:
https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br/diarioOficial/1911/05/30/jornal/MG_1911-05-30%200004.JPG.

¹⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/258822/28022>.

²⁰ Essa decisão talvez fosse um reflexo do fato de Góes não ser natural de Minas Gerais (tinha nascido na Cidade do Rio de Janeiro, mas residia na época em Belo Horizonte). Curiosamente, também não o eram os outros dois que contribuíram para o DBM: Gomes era natural de Guaratinguetá (SP), mas residia em Juiz de Fora; e Lopes Neves, da Cidade do Rio de Janeiro (RJ), mas residia em Carangola.

Góes e Gomes eram efetivamente membros da AML, mas Lopes Neves não. Enquanto os dois primeiros levaram a cabo sua série de publicações (que estavam divididas por faixas de letras iniciais), Lopes Neves publicou apenas uma primeira parte (letras A a C). Lopes Neves faleceu em 18 de novembro de 1912 e não se encontrou registro de que tenha produzido continuções da sua primeira parte.

Para fins de exemplificação, reproduz-se um verbete do texto de cada um dos três colaboradores do DBM (aplicou-se uniformização na diagramação dos verbetes para compatibilizá-los)²¹:

ESTURDIO²² — *adj. bif.* — estranho, abstruso, exquisito.

Este termo é corrente no portuguez, mais ou menos com a mesma significação, applicando-se, porém, exclusivamente a pessoas. Em Minas, sinão também em outros Estados, applica-se mais commummente em relação a cousas. — e é nesse caracter que aqui o consignamos.

Vi uma luz esturdia na cabeça de Pedro — Arinos, *Ut supra*, p. 199.

Deriva-se do francez étourdi. (GÓES, 1911, p. 1)

BANZAR²³ — *v. int.* — pensar, ficar retraído e pensativo.

...e peguei a banzar (p. 197). (GOMES, 1911, p. 1)

CANDONGA²⁴ — *subst. fem.* — mexiricos, alcovitice.

Calão geral. Na gyria do Norte tem esta expressão ultima; mas no calão regional mineiro é propriamente empregado para designar: *mexirico*. No diminutivo é termo de tratamento affectivo. Origem africana?

Derivados: *candongar* e *candongueiro*. (LOPES NEVES, 1911, p. 2)

A fim de acentuar a posição de vanguarda de Senna nesse tema, convém registrar que esses três itens tratados em 1911 como presentes em Minas Gerais já constavam de seus textos de épocas anteriores: *istúrdio* consta do 5º recorte, de março de 1899, e do texto de 1906; *banzar*, dos textos de 1903 e 1906; e *candongar*, do 7º recorte, de abril de 1904.

Não há informações claramente documentadas da relação entre Nelson de Senna e a comissão responsável pelo DBM (Carlos Góes, Costa Sena, João Massena e Brant Horta, sendo o primeiro seu relator). No *Inventário do Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna*, catálogo do acervo pertencente ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), há um ofício da Comissão da AML pedindo-lhe colaboração para a elaboração de um “Dicionário Bibliográfico Brasileiro” (APCBH, 2000b, p. [92], item 1262), que

²¹ Essas abonações de Góes e Gomes foram extraídas da obra *Pelo Sertão* de Afonso Arinos.

²² Forma também documentada por Amaral (1920, p. 140).

²³ Forma também documentada por Bluteau (1712, v. 2, p. 37) e por Amaral (1920, p. 87).

²⁴ Forma também documentada por Bluteau (1727, v. 9, p. 191) e por Amaral (1920, p. 104).

seria um projeto distinto do projeto dos vocabulários regionais, segundo se infere do já citado item *k* do art. 27 dos estatutos da AML. Em nenhum dos inventários do APCBH há qualquer referência à série de artigos do chamado *calão mineiro* e, o que é mais surpreendente, o caderno manuscrito com esses artigos pertence atualmente ao IHGB. Lopes Neves, no entanto, faz referência a um dos textos de Senna, que era provavelmente o publicado no *Anuario* de 1906: “reeditemos o que alhures escrevemos sobre um resumido glossário, publicado em seus ‘Annaes’ pelo erudito historiographo e investigador dr. Nelson de Senna” (LOPES NEVES, 1911, p. 1).

5. Considerações finais

Não parece haver, até onde se sabe, texto anterior ao artigo intitulado *O Calão Mineiro*, de Nelson de Senna, publicado na edição de 10 de junho de 1896 do jornal ouropretano *O Estado de Minas*, que tenha tratado de fatos da língua portuguesa especificamente em Minas Gerais com a mesma atenção. Esse texto, que foi o primeiro de uma série, apresenta um conjunto de 119 dados, sendo 117 do domínio semântico-lexical, um do fonético e um do morfológico. Apesar de puramente descritivo, com lista de formas no que chamou de “vernáculo” (provavelmente modalidade escrita no estilo formal de pessoas com alta escolaridade) e no que chamou de “vulgo de Minas” (provavelmente modalidade oral no estilo informal de pessoas com baixa escolaridade), o texto tem a importância historiográfica de revelar a emergência da atenção a diferenças linguísticas diatópicas (já que se tratava do dito *calão mineiro*) em uma época em que o Brasil já distava da sua independência há quase três quartos de século e da mudança de regime para a república há apenas sete anos. Além disso, o texto de Senna serve de atestação para a data em que as formas linguísticas documentadas estavam em uso no Estado de Minas Gerais.

Os textos de Senna tiveram notável repercussão.

Primeiramente, foram republicados em outros periódicos: constatou-se, p. ex., a presença do primeiro deles, de 1896, também nas edições do carioca *Gazeta da Tarde*, de 22 de junho de 1896 (p. 2)²⁵, e do pernambucano *Jornal do Recife*, de 4 de julho de 1896 (p. 2-3)²⁶.

Além disso, o próprio plano de vocabulários regionais, previsto nos estatutos da AML (publicados em 1910), levava adiante um trabalho de cole-

²⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/226688/15464>.

²⁶ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/705110/36947>.

ta de material que tinha sido iniciado por Senna, que era membro fundador dessa instituição.

Ademais, o interesse por esse tipo de trabalho tinha dado origem a outro texto, também anterior ao DBM da AML, publicado no *Anuario* de Senna de 1907: trata-se do texto *Achêgas para o Estudo do Calão Mineiro*, de autoria de Daniel Serapião de Carvalho (1887-1966), natural de Itabira do Mato Dentro (MG), hoje apenas Itabira, que informa que os dados apresentados tinham sido “colhidos na sua maioria pelo meu distinto amigo, o talentoso sr. professor Epaminandas Alvim²⁷ (...) numa longinqua localidade do interior”. O título do texto, com a expressão *calão mineiro*, não deixa dúvida do tributo que o autor prestava aos textos de Senna.

Também se constata repercussão da produção de Senna nas *Apostillas ao Diccionario de Vocabulos Brasileiros*²⁸ (1912), de Carlos Teschauer, que cita frequentemente itens d’*O Calão Mineiro* publicado no *Anuario* de Senna de 1906 para ilustrar fatos referentes a Minas Gerais.

Por fim, mesmo o texto de Souza-Pinto (1912), único citado por Ferreira e Cardoso (1994) para Minas Gerais para a 1ª fase de sua periodização, parece poder ser considerado tributário do trabalho de Senna: Souza-Pinto encerra seu texto, de 1912, dizendo que “[c]om tão variado *lexicon* um curioso que disponha de tempo pode escrevêr uma carta *sui generis*, ao alcance de todos” e a expressão “um curioso” foi o pseudônimo que Senna usou para assinar o artigo *Vocabulario Caipira* publicado no seu *Anuario* de 1906 (p. 407-8)²⁹, que era republicação da primeira versão vinda a lume, com o título de *O Calão Mineiro*, no *Almanach Popular Brasileiro* (p. 99-101)³⁰ de Pelotas em 1903, texto diverso daquele de 1896. Sustenta essa interpretação, além da questão do pseudônimo, o fato de 21 dos 134 itens listados por Souza-Pinto já constarem dos textos de Senna.

Considerando que Amaral e Santos (2016, p. 1178) adotaram a data de 1889, que foi a da mudança de Província de Minas Gerais para Estado de Minas Gerais, como início da 1ª fase dos estudos sobre o português falado em Minas Gerais “[n]a ausência de uma obra significativa que tenha se ocu-

²⁷ Epaminondas Alvim (1884–1921) residia em Campanha em 1902, lecionava em São Tomé das Letras no termo de Baependi em 1903 e mudou-se para Belo Horizonte nesse mesmo ano: essas informações biográficas sugerem que os dados de Alvim se referiam ao português do sul de Minas Gerais.

²⁸ Essa obra foi concebida como um aditamento ao *Diccionario de Vocabulos Brasileiros* (1889), de Beaurepaire-Rohan.

²⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/212679/407>.

³⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/829684/715>.

pado da descrição do português oral de Minas Gerais”, parece adequado ajustar essa data para o ano de 1896, tomando como referência a publicação do primeiro texto de série *O Calão Mineiro*, de Nelson de Senna. Trata-se, do ponto de vista historiográfico, de uma obra significativa sobre o português oral de Minas Gerais, pela originalidade, pela riqueza e pela repercussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*: São Paulo (gramática, vocabulário). São Paulo: O Livro, 1920. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=wRY9-Wyyuw0C>. Acesso em: 28 fev. 2025.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SANTOS, Marcos Paulo. As pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história (1889-2014). *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1172-1201, 2016. DOI: 10.14393/DL23-v10n3a2016-20. Acesso em: 28 fev. 2025.

AML [ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS]. Estatutos. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, ano XIX, n. 33, 7, 8, 9 e 10 de fevereiro de 1910, p. 7-8. Disponível em: https://www.jornalminasgerais.mg.gov.br/modulos/www.jornalminasgerais.mg.gov.br/diarioOficial/1910/02/10/jornal//MG_1910-02-10%200007.JPG. Acesso em: 28 fev. 2025.

APCBH [Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte]. *Inventário do Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Senna (1876-1952)*. Belo Horizonte: APCBH, 2000a. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/cultura/2018/documentos/inv_nelson_de_senna.pdf. Acesso em: 28 fev. 2025.

APCBH [Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte]. *Inventário do Arquivo Pessoal Nelson Coelho de Sena (1876-1952)*: inventário analítico – série correspondências. Belo Horizonte: APCBH, 2000b.

BALBI, Adrien. *Introduction à l’atlas ethnographique du globe*. Paris: Rey et Gravier, 1826. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=puqgAAAAYAAJ>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Diccionario de vocabulos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221706>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (Org.). *Dicionário histórico do português do Brasil*: séculos XVI,

XVII e XVIII. Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BLUTEAU, Rapahel. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5446>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BRASIL. *Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952*. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 28 fev. 2025.

COELHO, Francisco Adolpho. *Os ciganos em Portugal com um estudo sobre o calão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892. Disponível em: <https://purl.pt/24588>. Acesso em: 28 fev. 2025.

GÓES, Carlos. Dicionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 e 25 de abril de 1911, ano XX, n. 93, p. 4.

_____. Dicionario brasilico-mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de maio de 1911, ano XX, n. 111, p. 1-2.

GOMES, Lindolpho. Dicionario brasil[ic]o-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30 de abril de 1911, ano XLVI, n. 101, p. 1.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1981,

LOPES NEVES, [José Francisco]. O calão: organização do dicionario brasileiro-mineiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 15 de julho de 1911, n. 166, p. 1-2.

MARROQUIM, Mário. *A lingua do nordeste (Alagôas e Pernambuco)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/103>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MONTEIRO, Norma de Góes. *Dicionário biográfico de Minas Gerais: período republicano 1889-1991*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado

de Minas Gerais, 1994. V. 2, p. 628-629. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/128>. Acesso em: 28 fev. 2025.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.) *Documentos 2: projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2025.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Süssekind de Mendonça & Comp., [1923]. Disponível em: [https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.\\$b62939](https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.$b62939). Acesso em: 28 fev. 2025.

PEREIRA, Carlos Eduardo. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos & Co., 1907. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26057>. Acesso em: 28 fev. 2025.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Juiz de Fora: MEC/Fundação Casa Rui Barbosa/UFJF, 1977. v. 1.

RIO-TORTO, G.; RENCA, N. Nomes em *-deira* no português. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 103-116, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p103-116>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. *Anuario de Minas Geraes: estatística, historia, chorographia, finanças, variedades, biographia, literatura, indicações*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1906. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/212679/1>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SENNA, Nelson Coelho de. *Anuario de Minas Geraes: chronologia mineira, governo civil e ecclesiastico, notas e informações, chorographia, historia e estatística do Estado de Minas Geraes, letras e bibliographia*. Bello Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1911. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=mnlQAQAIAAJ>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SERAPIÃO, Daniel. Achêgas para o estudo do calão mineiro. In: SENNA, Nelson Coelho de. *Anuario estatístico illustrado do Estado de Minas Geraes*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1907. p. 634-641. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=UnlQAQAIAAJ>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de*

Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789. 2v

SILVA JUNIOR, [Manoel] Pacheco da; ANDRADE, [Boaventura Plácido] Lameira de. *Noções de grammatica portugueza de accordo com o programma official para os exames geraes preparatorios do corrente anno*. Rio de Janeiro: J. G. Azevedo, 1887. Disponível em: <https://archive.org/details/noesdegramma00pachuoft>. Acesso em: 28 fev. 2025.

SOUZA-PINTO, P. H. Vocabulario popular mineiro. In: ALMANAK Garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1912. p. 416-18. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/348449/6614>. Acesso em: 28 fev. 2025.

TEIXEIRA, José Aparecido. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano IV, v. XLV, p. 5-100, março de 1938.

TESCHAUER, Carlos. *Apostillas ao "Diccionario de Vocabulos Brasileiros"*. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1912. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=NjjIOw7cyB4C>. Acesso em: 28 fev. 2025.

TEYSSIER, Paul. *La langue de Gil Vicente*. Paris: C. Klincksiek, 1959.